



INFORMATIVO DO CÍRCULO DE ESTUDOS LIBERTÁRIOS - CEL/RJ
CAIXA POSTAL 14576 - CEP 22412-970 - RIO/RJ - BRASIL
PARTICIPAÇÃO DO COL. DE INFORMAÇÕES - CP 5036 - CEP 90041-970 - P. ALEGRE/RS

O preço da vida militante

Sabemos que as sociedades são formadas por maiorias silenciosas. A história oficial é sempre a voz de alguém que fala pelos outros. A história é o relato do vitorioso, escrito com o sangue dos vencidos. A história de todas as guerras é a história dos milhares que deram sua vida por milhões que se calaram. Toda revolução sempre teve uma pequena vanguarda. Todo movimento sempre criou um mártir. Cada religião teve que criar um panteão de abnegados que, devorados pelos leões, deram exemplos de fé. Cada idéia vitoriosa chega ao futuro iluminada pelos corpos em chamas daqueles que foram sacrificados em praça pública. Faz parte do nosso show: qualquer grupo que deseja impor uma idéia terá que dar corpo e mente, sangue e alma, para que essa idéia possa permanecer viva.

Qual o preço de uma vida militante? Aqui no Brasil, o preço da vida daqueles que lutaram contra a ditadura militar está orçado em 150 mil reais. É o que cada família vai receber de indenização do Estado por cada filho morto, torturado, assassinado e desaparecido. É muito? É pouco? Num país onde mais de 50 milhões de pessoas não conseguem faturar mais de 1200 reais por ano, talvez seja uma grande soma.

Mas, para o verdadeiro militante, lutar por uma idéia não pode se reduzir a um auxílio-família, a um seguro-militância. É uma prestação de contas banal demais. Na verdade, todos nós sabemos que lutar por uma idéia não tem preço. É uma luta que não pode ser avaliada pelo Estado ou por uma empresa credenciada de seguro. É uma luta que não pode ter títulos na Bolsa de Valores.

Para o militante não existe seguro de vida. Para nós, lutar por uma idéia é lançar nossa vida como uma ponte em direção ao outro: sobre o nosso corpo estendido, sobre esta ponte que é o nosso corpo estendido, milhares chegarão até o outro lado, até a utopia realizada. Queimamos nosso corpo para iluminar o caminho daqueles que precisam chegar a uma sociedade mais justa. Doamos nosso sangue para que milhares possam ter acesso a uma visão clara dos mecanismos sociais que movem a realidade. Não fazemos isso por um salário. Fazemos isso pelo aperfeiçoamento da humanidade.

Assim, o Estado pode dar preço a uma vida militante. Mas nós sabemos que lutar por uma idéia não custa 150 mil reais, 150 mil dólares ou ações ordinárias ao portador. Lutar por uma idéia custa a nossa vida e esse é o preço - a nossa vida - que estamos dispostos a pagar.

**1 VIDA =
R\$ 150.000**

nas BoCAs

"Que mundo este, em que os ignorantes guiam os cegos!"

William Shakespeare

ESPAÑHA

(1936-1939):

TEMPO

DE REVOLUÇÃO



Introdução

O REGIME político instituído em 1931, mediante o voto popular, é uma frágil república burguesa, um território minado pelas forças da reação clerical-monarquista: militares, hierarquia católica e latifundiários, principalmente. Os aparatos repressivos tradicionais, já então apoiados por Mussolini, prosseguem uma violência sem tréguas sobre os sindicatos. O terrorismo estatal atinge seu ponto máximo com o esmagamento, a ferro e fogo, da insurreição proletária das Astúrias, em 1934.

O resultado das eleições gerais de 1936 conduz uma coalizão das esquerdas, chamada Frente Popular, ao governo central. Em grande parte, o triunfo da Frente Popular se deveu à atitude dos anarquistas e anarco-sindicalistas, que proclamaram a necessidade de libertar os milhares de trabalhadores presos. Na prática, isto equivalia a

induzir ao voto contra a reação e, por conseguinte, a favor dos candidatos da Frente Popular.

A incipiente burguesia espanhola estava num impasse. Além de não ousar defender a reforma agrária, não exercia o menor controle sobre os bancos e nem mesmo sobre a indústria. Politicamente, nada fazia além de bajular os militares. Os recursos minerais e industriais eram escassos, a maior parte da terra cultivável era propriedade de uns poucos latifundiários absenteístas, num quadro de capitalismo retardatário combinado à onipresença das instituições feudais e um sistema financeiro ultrapassado.

Efetivamente, tratava-se de um capitalismo monopolista dependente, isto é, dominado por grandes companhias estrangeiras (minas, ferrovias, transportes marítimos, indústria bélica, etc.) cujos testas-de-ferro e sócios menores pertenciam a três ou quatro famílias submetidas à ordem dos jesuítas (a famigerada Companhia de Jesus).

O governo recém-empossado Azaña sustenta uma linha rigidamente conservadora, decretando e aplicando uma duríssima "lei de ordem pública" contra o movimento operário, e fazendo vista grossa às conspirações reacionárias que se preparam à luz do dia. Monarquistas e generais compram armas no exterior, falangistas e outros grupamentos contra-revolucionários recebem treinamento militar na Itália, os chefes militares se reúnem para discutir o golpe de estado em preparação, mas o governo da Frente Popular se limita a transferir os gorilas mais afoitos.

Felizmente, porém, as organizações proletárias estão atentas. Organizam, a partir do dia 15 de julho, a vigilância dos quartéis. Quando, em Sevilha, os militares proclamam o estado de guerra, a resposta do proletariado espanhol não se faz esperar: a CNT, anarco-sindicalista, e a UGT, socialista, deflagram a greve geral.

Mas o que faz o "poder" republicano? Assiste passivamente, enquanto alguns dos governadores das províncias são fuzilados pelos militares golpistas e outros se recusam a armar os operários. Por toda a parte, onde os militares triunfam, os mortos se contam aos milhares. Contudo, em Bilbao, Madri, Oviedo e as Astúrias, Málaga, Barcelona e toda a Catalunha, a vitória é do proletariado em armas. Em Barcelona, a esquerda catalã e, sobretudo, os combatentes da CNT controlam a situação: as bandeiras vermelhas e negras da revolução social tremulam nas ruas.

De um modo geral, os golpistas obtêm êxito somente onde os governantes republicanos se recusam a armar os trabalhadores. A guerra civil foi desencadeada, o país está dividido: as províncias agrárias mais atrasadas foram tomadas pelos milicos, as zonas industriais ou de pequena propriedade agrária estão nas mãos do povo.

O período revolucionário

A NOVA situação permitirá que as massas operárias e camponesas desenvolvam amplamente sua espontaneidade revolucionária. Em Barcelona, um conselho econômico socializa todas as empresas com mais de 100 assalariados. Tais empresas passam a ser dirigidas por um comitê, eleito pelos trabalhadores, e os gestores (em alguns casos, antigos proprietários). Todavia, o capital estrangeiro não foi expropriado, pois havia a ilusão de que assim seria evitado o apoio do exterior à sublevação militar.

Nas zonas agrárias, os camponeses ocupam as terras: cooperativas na Catalunha, coletividades em Aragão e no Levante. A coletivização da terra acontece em meio à liberdade: os pequenos proprietários podem cultivar suas terras, desde que não contratem trabalhadores assalariados. Em Aragão, o dinheiro foi abolido e adotou-se o sistema de bônus, além de ter sido implantado o salário familiar. O processo revolucionário avança: a coletivização se amplia a outros setores, incluindo também o artesanato, os transportes e suprimentos, serviços médicos e sanitários, em geral, a educação e a cultura.

Assinatura Semestral de Apoio (R\$7,00), Pacote de 10 Liberas (R\$2,00), Adesivo p/vidro Contra Pena de Morte (R\$1,00), Revista Utopia - nº 4 e 5 (R\$2,00-cada), Livros (solicite a tabela).

Depósitos: Bradesco - Ag.0026-4-c/c:240.765-5 - a/c Renato Ramos. Envie comprovante para o CEL (também aceitamos selos, dinheiro ou cheque nominal a Renato). Tiragem 1.500 exemplares.

Os textos assinados não necessariamente refletem a opinião do Coletivo Editorial do CEL.

A coletivização permitiu não somente atender as necessidades ligadas à sobrevivência da retaguarda e da frente de combate, mas significou um aumento considerável da produção mediante ganhos de produtividade. Foi uma verdadeira revolução social, que, numa escala bem ampla, demonstrou a validade e a eficácia prática do comunismo libertário.

A armadilha da Unidade Antifacista

IMEDIATAMENTE após a derrota do golpe militar, o presidente da Generalitat da Catalunha recebeu uma delegação da CNT e da FAI, à qual ofereceu o governo, sob o argumento de que os anarquistas eram os donos da situação. Os anarquistas nunca tinham vivido tal experiência. Por uma questão de princípios, recusam a oferta e Companys permanece no cargo. Forma-se, então, um "comitê de milícias", com cinco membros da CNT (central anarco-sindicalista), três da UGT (central socialista), um do POUM (Partido Operário de Unificação Marxista - comunistas anti-estalinistas), um do PSUC (Partido Socialista Unificado da Catalunha - fachada do PCE, Partido Comunista Espanhol, na época, um débil grupelho estalinista) e alguns representantes da esquerda catalã.

De fato, o comitê recém-fundado é um contrapoder que organiza os núcleos de um exército operário, logo deslocados para combater na frente de Aragão, depois Huesca e Saragoça. O comitê de milícias organiza também os grupos de autodefesa local, denominados "patrulhas de controle". Ainda que certas medidas democráticas sejam tomadas (eleição dos comandantes das milícias, por exemplo), o comitê das milícias nada mais é do que um órgão que reúne os representantes dos dirigentes das organizações. Não é o proletariado em armas, nem tampouco a expressão do poder das barricadas. Isto facilitará sua recuperação pelo poder estatal, que reverterá em seu benefício a situação de duplo poder e reconstruirá um exército tradicional (formal e hierarquizado, com graduações e disciplina estritamente militar).

Os líderes da CNT e da FAI, tendo caído na armadilha da unidade antifacista, submetem-se à chantagem de indicar três ministros para o governo catalão (pudicamente denominado Conselho da Generalitat) e mais cinco para o governo central, em Madri. A partir deste momento, todo avanço da revolução social se fez apesar de e contra as lideranças conciliadoras das organizações anarquistas, que se limitam a protestar verbalmente, enquanto os estalinistas ocupam o poder e desencadeiam a contra-revolução que culminará com a vitória do fascismo. Contudo, surgirão inúmeros grupos de oposição no interior do movimento anarquista, notadamente as Juventudes Libertárias e agrupamentos como "Os Amigos de Durruti".

Ganhar a guerra ou fazer a revolução?

DEPOIS de julho de 1936, duas concepções vão se enfrentar no campo republicano. Para os partidos de "esquerda", a ala direita do partido socialista (o PSUE daquela época), os nacionalistas do país basco e o PCE (em Catalunha, PSUC), trata-se de ganhar a guerra. Portanto: defender a legalidade republicana, criar um exército regular clássico, obter o apoio das potências democráticas (França e Inglaterra, principalmente). O PCE afirma: "nosso objetivo é, unicamente, defender a república democrática". A transformação da sociedade fica para depois e, quanto ao mais, nada de duplo poder e de milícias. Coletivizações, nem pensar!

Em contraposição, a CNT, o POUM, a ala esquerda do partido socialista e a UGT declaram que "a revolução e a guerra não devem ser opostas: são as realizações revolucionárias e a organização de um exército proletário de novo tipo que permitirão derrotar a contra-revolução, que conseguirão o apoio do proletariado internacional e a vitória

na guerra civil.

Sustentados econômica, política e militarmente por Stálin, o PCE e seu satélite catalão, o PSUC, que eram inexpressivos, em julho de 1936, arrematam a maioria dos médios e pequenos burgueses, com seu programa legalista. Simultaneamente, conseguem aparelhar a UGT e se infiltram nas forças policiais.

Em maio de 1937, as forças policiais, comandadas por um dirigente do PSUC, tentam ocupar a central telefônica de Barcelona, onde estava sediada a CNT. Imediatamente, Barcelona se cobre de barricadas, com a mobilização dos comitês de bairro. Os anarquistas e o POUM não recuam. Os combates duram uma semana. Os "ministros da CNT", pelo rádio, fazem patéticos apelos à

trégua. Um acordo é estabelecido: cada organização permanecerá em suas posições, o trabalho é retomado e as barricadas são desfeitas. Durante os combates, o anarquista italiano Camilo Berneri e Andrés Nin, secretário do POUM, foram seqüestrados e assassinados pelos estalinistas.

Em Valença, sede do governo central, o PCE, a direita socialista e os republicanos moderados derrubam o gabinete ministerial de Largo Caballero (ala esquerda do PSOU). Juan Negrin o sucede, deixando de lado a CNT e a UGT.

O POUM é colocado fora da lei, as prisões se enchem de poumistas e cenetistas. A revolução acabou. A guerra civil vai se prolongar, mas a república espanhola está abandonada. As democracias ocidentais, por omissão, ajudam Franco a vencer. Apesar de algumas ofensivas bem sucedidas, no final de 1938, o desastre se avizinha. Em 1939, a contra-revolução triunfa e as democracias ocidentais se apressam em reconhecer a ditadura de Franco. O mesmo Franco que o Vaticano, Mussolini e Hitler apoiaram desde o início.



"Se sente, se sente, Roberto está presente!"

E nos levaram mais um. Desta vez foi o companheiro Roberto Vidal, o "Roberto-argentino". Um bilhete de sua companheira, deixado na porta da sala do CELIP, depois uma carta da família, em Buenos Aires, e a história se confirma. No dia 6 de setembro de 1995, na favela dos Chaves, em Barros Filho, área da Pavuna (zona norte do Rio, divisa com São João de Meriti, baixada fluminense), nosso companheiro foi assassinado. As circunstâncias da morte, inexplicadas... Na 38ª DP nem a família estrangeira conseguiu alguma coisa: "Não se pode investigar" disseram os policiais à sua irmã, vinda da Argentina. O inevitável enterro, no cemitério do Catumbi. Roberto completaria 41 anos, no dia 17 de novembro de 1995.

Foi-se, deixando uma companheira e dois filhos brasileiros, além de sua família, com a qual nunca perdeu os vínculos. Também nos deixa uma imensa saudade e uma linda trajetória de lutas - sempre à altura das ideologias e organizações às quais pertenceu.

Roberto era filho da gloriosa geração do "Cordobazo!", levante operário e popular em Córdoba (1969) que derrubou uma das muitas ditaduras argentinas. Na primeira metade da década de 70, militou no braço político da organização trotsquista-guevarista "Partido Revolucionario de los Trabajadores - Ejército Revolucionario del Pueblo" (PRT/ERP). Seu trabalho foi mais profundo, quando estudante de direito na Universidade de Buenos Aires, na histórica esquina das ruas Justicia y Paz. Ali, militando na "Carta Abierta", setor universitário de sua organização, ajudou a fazer história.

Além do trabalho universitário, a vida política ora clandestina, ora legal ou semilegal; as comissões de fábrica que ajudou a formar; a incansável propaganda entre os trabalhadores, em especial os da indústria frigorífica; o apoio à guerrilha do ERP na província de Tucumán; as passeatas e manifestações, enfrentamentos quase diários com a direita peronista, os milicos, os esquadrões da morte da AAA e até a disputa - muitas vezes sem ética - pela hegemonia da esquerda com os Motoneros.

Nessa época, o perigo rondava em cada esquina, como eram os congressos clandestinos e também na traição que entregou Santucho, líder do PRT/ERP. Veio o golpe, a guerrilha já quase desbaratada, os militares concorrendo para ver quem matava mais revolucionários - 1976 - e ainda por cima a organização rachada. Roberto ficou com a dissidência e, já sem condições de sobreviver na Argentina, saiu do país. Uma fuga de carro, pela fronteira brasileira, com alguns outros companheiros. Conseguiu o exílio europeu e por sorte sobreviveu, não vendo a dissolução do PRT/ERP em 1977.

O exílio para ele, ao contrário da maioria dos latino-americanos, não foi espaço de desbunde. Primeiro na Suécia, depois na Itália, mudou sua cabeça mas seguiu militante. No norte daquele país, fez-se anarquista e continuou na luta. Participava da Autonomia Operária e era apoio da organização de guerrilha urbana libertária Prima Linea ("A primeira linha de combate operário"), que na época disputava hegemonia da esquerda armada italiana com as Brigadas Vermelhas.

No início dos anos 80, veio morar no Brasil, no Rio, onde nesse tempo militava num comitê de exilados argentinos. Aqui criou família, filhos que gostava de ver com os pés no chão, brincando no sítio onde morava.

No começo desta década, Roberto começou a militar no Movimento Anarquista do Rio de Janeiro, quando até meados de 94, esteve conosco nos melhores e piores momentos. Não só sua trajetória de revolucionário será lembrada, mas também o leve sotaque, a fala mansa e pausada, as colocações sempre calmas e refletidas e a simplicidade dos militantes coerentes, sinceros e dedicados.

Agora já não está mais com a gente, nem com a família e filhos, ou em sua Buenos Aires, onde além de muitas lutas, deixou amigos e o River Plate, clube do coração. Outra vez repetimos, como inúmeros anarquistas, generosamente dedicou sua vida ao socialismo e à liberdade. E é neste caminho, na militância do anarquismo combativo onde o manteremos vivo, eternizado na nossa Luta Libertária!

Hasta siempre compañero Roberto!

NOTÍCIAS LIBERTÁRIAS

UTOPIA: Recebemos de Portugal uma quantidade limitada de exemplares da revista *Utopia*, nº 2, que estamos vendendo para ajudar na sobrevivência desta importante publicação libertária. São 100 páginas com muitas matérias interessantes, poesias, notícias, por apenas R\$ 10,00. Atenção, não confundir esta publicação com a revista *Utopia* publicada no Rio de Janeiro até 1992 que, aliás, continuamos vendendo os números 2, 3, 4 e 5.

FRANÇA/BÉLGICA: Foi constituída a *União Regional Norte* (da França) - *Bélgica* (URNB), composta pelos grupos *Pierre Kropotkine* (Aisne), *Humeurs Noires* (Lille) e *Alternative Libertaire* (Bruxelas), bem como indivíduos independentes. Para contatos na França: HN; BP79; 59370 Mons-en-Baroeul; e na Bélgica: AL; 2, rue de l'Inquisition; 1040 Bruxelas.

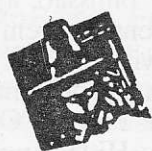
ITÁLIA: Foi realizado nos dias 16 e 17/09/95, em Reggio Emilia, o *I Encontro Interegional de Jovens Anarquistas*, que contou com a participação de representantes de mais de 20 grupos e de companheiros de diversas cidades.

GRÉCIA: No dia 18/11/95, mais de 500 anarquistas foram presos em Atenas após a ocupação da Escola Politécnica, num ato de solidariedade aos presos políticos insurretos do cárcere de Korydallos. Nas horas seguintes às prisões, muitos companheiros foram agredidos pelos policiais e um dos camaradas ficou 8 horas em coma após receber o impacto de uma bomba de gás. Os métodos do "Estado democrático" grego são os mesmos da sinistra "ditadura dos coronéis". Exigimos a imediata libertação de todos os companheiros anarquistas presos.

BELARUS - A repressão política aumenta na antiga Bielo-Rússia. Em maio de 95, na cidade de Jernel, uma manifestação pacífica de anarco-sindicalistas, independentes e grupos de esquerda foi atacada pela polícia, sendo sete manifestantes presos, agredidos e ameaçados com armar de fogo na delegacia. Chega-nos a notícia da criação de uma seção da *Associação Internacional dos Trabalhadores* (AIT) em Belarus, que se soma às já existentes na Ucrânia, Rússia e outras repúblicas da ex-URSS.

LÍBANO: O grupo libertário *Al Badil al taharouri* traduziu para o árabe o livro *Anarquismo* de Daniel Guerin. Para maiores informações, escrever para BP 177; 75967 Paris cedex 20; França.

ENDEREÇOS LIBERTÁRIOS: UTOPIA CP15001 CEP20155-970 RIO/RJ • GRL CP111843 CEP28911-970 CABO FRIO/RJ • LETRALIVRE CP50083 CEP20060-970 RIO/RJ • CCS/SP CP2066 CEP01060-970 S. PAULO/SP • ANA CP78 CEP11510-970 CUBATÃO/SP • ULMG CP26 CEP37410-970 TRÊS CORAÇÕES/MG • GRAVIDA CP3395 CEP82001-970 CURITIBA/PR • CCS/PB CP1078 CEP58000-970 J. PESSOA/PB • APPL CP053 CEP40001-970 SALVADOR/BA • CCL CP1206 CEP66017-970 BELÉM/PA • AÇÃO COLETIVA CP230 CEP85851-970 FOZ DO IGUAÇU/PR • ULBS CP2137 CEP11051-970 SANTOS/SP • UL CP1629 CEP13001-970 CAMPINAS/SP • AFIM CP2644 CEP59025-970 NATAL/RN • CLEL CP1417 CEP13001-970 CAMPINAS/SP • COB CP7597 CEP01064-970 S. PAULO/SP • UNI-LIVRE CP03668 CEP70084-970 BRASÍLIA/DF



...AMORE MIO